



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Adriano Martins Pereira**  
**Andréa Pelegrini**

**TRIBOS URBANAS NAS ESCOLAS: OBSERVAÇÃO E**  
**INTERFERÊNCIA NA REALIDADE ESCOLAR**

**Santos**  
**2013**



**Adriano Martins Pereira**

**Andréa Pelegrini**

**TRIBOS URBANAS NAS ESCOLAS: OBSERVAÇÃO E  
INTERFERÊNCIA NA REALIDADE ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Metropolitana de Santos.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Ana Carolina Bazzo da Silva

**Santos  
2013**



*Às nossas famílias por seu carinho e  
apoio durante a realização deste trabalho,  
nossa eterna gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

À nossa orientadora, Prof<sup>a</sup> Ms. Ana Carolina Bazzo da Silva, que, pela sua presença e dedicação, permitiu-nos a elaboração deste trabalho e contribuiu para nosso crescimento científico e cultural.

*A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do **tu**, que me faz assumir a radicalidade de meu **eu**.”*

*(Paulo Freire)*



## RESUMO

Este trabalho apresenta o resultado obtido por meio de uma intensa pesquisa bibliográfica, observação da realidade do ambiente escolar acerca das tribos urbanas e formação de identidades. Constatou-se a importância da disciplina de Sociologia para a formação crítica dos alunos e para a abordagem do tema, com vistas à mudança no quadro que se apresenta na maioria das escolas. Espera-se que esse material sirva de impulso para novas posturas docentes e que estes reconheçam a ferramenta privilegiada de que dispõem para construção de uma nova sociedade, bem como, possa vir a ser a mola propulsora de novas pesquisas no que diz respeito às tribos urbanas, lembrando que o tema não se esgota.

**Palavras-chave:** (Tribos urbanas. Identidade. Escola.)



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 1  |
| <b>1 TRAJETÓRIA DE INTERESSE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....      | 3  |
| 1.1 <i>Formação da Identidade</i> .....                             | 4  |
| 1.2 <i>Tribos</i> .....   | 7  |
| 1.3 <i>Relacionando Teoria e Prática</i> .....                      | 9  |
| <b>2 OBSERVANDO, INTERFERINDO E TRANSFORMANDO A REALIDADE</b> ..... | 10 |
| 2.1 Plano de aula comentado.....                                    | 11 |
| 2.1.1 AULAS.....  | 13 |
| 2.1.2 AVALIAÇÃO.....  | 16 |
| 2.2 Aplicação e resultados .....                                    | 16 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                   | 18 |
| <b>ANEXOS</b> .....   | 21 |
| 1. Letra da música TRIBOS URBANAS de Marcelo Quintanilha.....       | 21 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                             | 22 |



## INTRODUÇÃO

Promover conhecimento sobre as diversas facetas das relações sociais, permeadas em muitos casos por poder, no meio discente, parece-nos, enquanto pesquisadores e professores, algo utópico, haja vista que a sociedade capitalista atual encobre as relações sociais que geram tensão e possíveis questionamentos da ordem vigente. Tendo em vista tal constatação, e nossa vivência escolar pelo estágio supervisionado da Unimes, optamos, nessa pesquisa, pelo estudo de um tema recorrente nos meios midiáticos e extremamente presente principalmente no círculo escolar – as tribos urbanas.

Rockers, punks, rappers, entre outras tribos urbanas, encontram-se constantemente no seio escolar, tendo como epicentro de conflito a sala de aula. Sim, as tribos urbanas frequentemente entram em conflito na sala de aula e em outros ambientes escolares, como pátios, banheiros, refeitórios, corredores, justamente pela demonstração de intolerância com aqueles pertencentes a outros grupos ou tribos. E, a partir de dessa observação, fomos instigados a pesquisar o tema tribos urbanas.

Nesse caminho, passamos por questões como a identidade do jovem, buscando uma reflexão constante sobre o tema com a ajuda de trabalhos de renomados intelectuais da envergadura do sociólogo francês Michel Maffesoli e do antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira; planejamento e aplicação de um plano de aula que fosse ao encontro das necessidades que se manifestavam na escola; e análise crítica acerca da importância da disciplina de Sociologia no Ensino Médio como instrumento privilegiado para conduzir o alunado ao pleno exercício da cidadania envolto em uma cultura de paz e respeito.



Esperamos que essa pesquisa contribua para a formação do corpo docente, incluindo a nós mesmos, e para a renovação do atuar docente e conscientização do alunos, enquanto ser, sujeito de sua própria história e interlocutor dos acontecimentos. É imperativo, nos dias atuais, que os professores, principalmente da disciplina de Sociologia, sejam capazes de contribuir para a elevação da criticidade do corpo docente, posto que, esse é constantemente levado pela mídia, e demais aparatos de inculcação da ideologia da classe dominante, a não pensar, não questionar, não contrariar o sistema.

Tendo por metodologia o estudo teórico, a observação da sala de aula e o questionamento/reflexão por meio do confronto entre obras consagradas de intelectuais ligados às ciências humanas e a prática verificada em sala de aula, esperamos poder contribuir com uma introdução profícua sobre o tema a que propomos galgar e que sirva para alavancar novas pesquisas.



## 1 TRAJETÓRIA DE INTERESSE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Toda pesquisa científica, que se pretende a tal, surge de uma inquietação decorrente da observação de fenômenos presentes geralmente no cotidiano. Esses fenômenos saltam à vista daquele que, dentro de si, carrega um espírito indagador, servindo como agente motivador na busca por explicações.

Assim, em nossa trajetória do Estágio Curricular Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES, deparamo-nos com determinadas situações conflituosas que nos instigaram a estudar/pesquisar a formação das chamadas “tribos” dentro do ambiente escolar.

Por conflito entendemos qualquer situação em que interesses particulares de pessoas ou grupos se chocam com interesses coletivos, ocasionando a quebra da harmonia social. O ambiente escolar é, pois, um local privilegiado para o aparecimento de conflitos, posto que nele podemos encontrar interesses antagônicos em ação, sejam eles individuais ou dos pequenos grupos formados, que aqui denominamos “tribos” e que conceituaremos no decorrer desse trabalho.

Não poderíamos nos lançar a tal observação sem traçar alguns parâmetros primordiais para a realização de uma pesquisa científica, posto que para que essa se efetive é preciso abandonar aquele olhar fortuito e aleatório do cotidiano e assumir o olhar do cientista, pois “este se acha muito mais “contaminado” por pressupostos que lhe permitem ver o que o leigo não percebe”. (ARANHA e MARTINS, p. 151).

Para engendrar um trabalho profícuo acerca desse tema, uma pesquisa bibliográfica incisiva se fez necessária. Desta feita, a leitura dos textos, *A produção social da identidade e da diferença*, de Tomaz Tadeu da Silva, e, *Identidade étnica, identificação e manipulação*, de Roberto Cardoso de Oliveira, foi de essencial



importância para a compreensão de conceitos básicos sobre a formação de uma identidade.

Assim como, em nossa busca por referências para fundamentar teoricamente as tribos, fomos levados à leitura do livro “*O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*”, de Michel Maffesoli, o que contribuiu sobremaneira para a construção do nosso pensamento acerca do tema, o que se refletirá no decorrer desse trabalho.

Interessou-nos nessa pesquisa, a possibilidade de estudar acerca de um tema recente e de alta relevância no contexto da escola e da própria sociedade, posto que, o conceito de luta de classes, e a homogeneidade que traz consigo, há algum tempo, começou a ser questionado, abrindo espaço na Sociologia para estudos sobre variados grupos formados em outras bases que não a luta de classes. O que se percebe hoje não é uma sociedade homogênea, na qual há uma polarização definida, e sim, diversos agrupamentos com ideais, estilos e propostas diferentes.

## 1.1 Formação da Identidade

O conceito de formação da identidade possui sua base na diferença, ou seja, a identidade se forma por meio de seu oposto. Um sujeito só cria uma identidade a partir do instante em que descobre no outro um sujeito diferente. “Quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam” (OLIVEIRA, p. 120). Dessa forma, os sujeitos tendem a se agrupar com seus semelhantes. Portanto, é pela negação que se constrói a afirmação de uma identidade.

Cabe lembrar que, os termos *identidade* e *diferença* não encerram em si aquilo que representam, assim como na concepção descrita pelo mestre genebrino



Ferdinand de Saussure, a linguagem é um sistema de diferenças, no qual uma “coisa” só o é por não ser outras tantas, não passando o signo linguístico de uma representação arbitrária.

A identidade, assim como a diferença, não é em sua essência algo natural, mas sim uma construção histórico-cultural, baseada em relações de poder. O que significa dizer que as identidades e as diferenças não são fenômenos que existem por si só, independentes da ação cultural, pelo contrário, esses fenômenos só recebem um sentido quando conectados ao mundo social.

Conforme Silva,

“A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais”. (p. ....).

Por conseguinte, nessa formação estão implícitas relações de poder, posto que as identidades e as diferenças estão sujeitas às mesmas regras a que também estão sujeitas a produção cultural e social. “A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas”. (SILVA, p. ....).

Em uma sociedade, seja ela macro ou micro, em que sujeitos diferentes compartilham um mesmo espaço, é comum surgirem situações de discriminação e preconceito de um grupo sobre o outro. O sujeito quando submetido desde a infância a um ambiente propício a discriminação, tende a não valorizar sua própria identidade, tratando-a como inferior de acordo com critérios preestabelecidos, pois “a permanência contínua em situações de discriminação desperta desde cedo nas crianças uma

consciência negativa de si ou, em termos de Erikson, uma 'identidade negativa' que se prolongará na juventude e maturidade (...). (OLIVEIRA, p. 127).

Devido às relações de poder que permeiam a questão da formação das identidades, podemos observar um fenômeno peculiar: a invisibilidade da identidade. Nele, a identidade padrão, aquela formada por indivíduos que desfrutam de algum poder e com isso ditam as regras do jogo social, torna-se invisível, perdendo sua ligação com o próprio vocábulo identidade, passando ao patamar de referência.

Conforme Silva,

“Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. (...) Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa”. (p. ....).

Dessa forma, todos os grupos que não se enquadrem nessa referência são tratados categoricamente como étnicos ou exóticos. É o que podemos perceber com relação à cultura nordestina, por exemplo, presente numa grande metrópole como São Paulo. Os sujeitos que seguem os costumes nordestinos parecem estar em descompasso em relação ao ritmo imposto pelo próprio capital nas metrópoles. Assim, a cultura nordestina é tratada como algo exótico, inferior e que destoa da cultura americanizada valorizada e tida como referência.

## 1.2 Tribos

O termo tribo, do latim *tribu*, é encontrado nos dicionários e é usado genericamente para denominar “1. Cada um dos agrupamentos em que estavam divididos alguns povos da Antiguidade. 2. Conjunto de famílias nômades, geralmente da mesma origem, que obedecem a um chefe” (MICHAELIS), entre outras acepções. Ou seja, o termo tribo geralmente está associado à denominação de grupos existentes em tempos remotos de nossa história.

No entanto, não é a essa acepção que nos reportaremos na condução desse trabalho. Para tanto, utilizaremos a concepção de “*tribos urbanas*”, elaborada por Michel Maffesoli, sociólogo francês, professor de Sociologia da Sorbonne, diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano e diretor do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário, em sua aclamada obra “*O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*”.

Segundo o autor, o fenômeno das tribos urbanas

“poderia [se] constituir nas diversas redes, grupos de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles. Seja ele qual for, o que está em jogo é a *potência* contra o *poder*, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada para não ser esmagada por este”. (MAFFESOLI, p. 93)

Por essa perspectiva, é possível depreender o caráter contestatório e de resistência encontrado nas diversas tribos urbanas. Mas contra o que, especificamente, contestam e resistem essas tribos?



A sociedade contemporânea, após as grandes revoluções, francesa e industrial, enveredeu por um caminho que conduziu ao individualismo, propiciado pelos ideais vinculados ao sistema capitalista e processos de globalização, cada vez mais contundentes. A globalização, ao tentar homogeneizar os povos, cria, em contrapartida, formas de resistência conscientes e inconscientes presentes no que se denominam tribos urbanas. Tal homogeneização se dá por meio da indústria cultural, principalmente a partir da década de 1950, momento que se inicia a proliferação da aquisição dos bens de consumo duráveis e não duráveis e divulgação constante nos meios televisivos do ideal do estilo de vida *american way of life*. Trata-se da gênese do consumismo desenfreado, que será um fator preponderante para a formação de uma mentalidade individualista.

Essa mentalidade individualista, porém, antes de formar mentes diversas, é homogeneizada, o que equivale a dizer que, existem diversos “eus” iguais, propensos a atuarem e se integrarem na sociedade de uma maneira única. É contra esse sintoma que resistem e contestam as tribos urbanas.

Além desse caráter contestatório, não podemos deixar de analisar os motivos que levam à formação das tribos urbanas. Para Maffesoli, essa união é afetual, de acordo com o papel pessoal a ser desempenhado dentro de uma chamada *socialidade*, diferentemente dos agrupamentos de classe, como o proletariado, por exemplo, que se unia por questões contratuais inerentes a função do indivíduo na sociedade. (MAFFESOLI, p. 31)

Podemos concluir então que, o fenômeno das tribos urbanas está relacionado ao desenvolvimento da sociedade de massa, carregando consigo alguns elementos desse tipo de sociedade, tais como a transitoriedade. Ou seja, “como as massas em permanente agitação, as tribos que nelas se cristalizam tampouco são

estáveis. As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra”. (MAFFESOLI, p. 31).

Assim, podemos perceber um constante trânsito de pessoas de uma tribo para outra, ou seja, um adolescente hoje pode pertencer à tribo dos *pagodeiros*, porém, no futuro esse mesmo adolescente pode vir a pertencer à tribo dos *rockeiros*.

### 1.3 Relacionando Teoria e Prática

Após as leituras iniciais podemos estabelecer uma relação de proximidade entre a fundamentação teórica a que tivemos acesso e a realidade com a qual nos deparamos em nosso dia-a-dia na realização do Estágio Supervisionado.

O estudo teórico nos ajudou a compreender a formação das tribos existentes na escola e como essas se articulam. Percebemos que, por exemplo, quando uma menina com maquiagem preta nos olhos, esmalte preto nas unhas e usando calças jeans rasgadas se une a outras com o mesmo perfil, uma relação afetual se estabelece, formando assim uma “tribo urbana” dentro da escola. Aos poucos outras semelhanças vão sendo descobertas e compartilhadas, por exemplo, o gosto por um estilo musical específico. No decorrer do tempo, tal grupo receberá uma nomeação, no caso *rockeiras*, que passará a defini-las como tal no ambiente escolar e o próprio grupo toma para si esse título.

O mesmo ocorre com os outros grupos formados na escola: *pagodeiros*, *funkeiros*, entre outros, estabelecendo assim vários grupos distintos dentro do mesmo ambiente, cada um com interesses antagônicos e, por conseguinte, conflituosos entre si.



Os textos consultados trouxeram-nos ainda uma rica contribuição para a tentativa de romper com metodologias cristalizadas no ensino-aprendizagem da Diversidade Cultural que tendem a banalizar o tema, reduzindo-o a simples aceitação da diferença, sem qualquer análise aprofundada que tente compreender as raízes e os discursos por trás do que se entende como diferença, apontando assim um possível caminho de renovação metodológica, visando a criticidade do aluno.

A partir das teorias estudadas e da compreensão da formação e efeitos das tribos na sociedade e no ambiente escolar, podemos vislumbrar uma metodologia de ensino que atenda a essa necessidade de renovação. Nesse sentido, um trabalho pedagógico, envolvendo pesquisa e projetos, será de grande eficácia. Rodas de conversa para que cada grupo exponha as características de sua tribo para os demais colegas também propiciam um caminho para o entendimento e aceitação do outro. Tais ações, além de minimizar os efeitos nocivos dos conflitos existentes na escola, proporciona ao aluno a visibilidade de sua própria identidade.

## 2 OBSERVANDO, INTERFERINDO E TRANSFORMANDO A REALIDADE

Todo estudo teórico, principalmente aquele destinado a análises da sociedade, de nada valeria, ou, transformar-se-ia em uma empreitada sem sentido caso não houvesse por trás o desejo e a intenção racional de mudança.

Nesse sentido é que se faz necessário pensar em ações que possam interferir na realidade presenciada nas escolas no que diz respeito à formação de tribos.



A disciplina de Sociologia, ministrada no Ensino Médio, compõe-se, então, como privilegiada para um trabalho efetivo de transformação da realidade escolar e, até mesmo, para além dos muros da escola.

Todo professor pode e deve valer-se dos instrumentos disponíveis para a organização de suas aulas e, dentre tais instrumentos, o mais valioso é sem dúvida o plano de aula. Com ele, é possível que o docente estabeleça objetivos claros para sua ação, preveja os recursos necessários para a concretização de sua aula, antecipe possíveis reações dos alunos e escolha a melhor forma de avaliação.

## ***2.1 Plano de aula comentado***

Seria extremamente pretencioso abarcar uma questão tão polêmica em apenas uma aula de 45 minutos. Portanto, para um melhor aproveitamento, o docente tem a sua mão a sequência didática, procedimento composto por fases ou etapas interligadas entre si e sequenciais. Uma sequência didática é composta por várias atividades sobre o mesmo tema e que contemplem: 1- a apresentação do tema aos estudantes – momento em que é feita uma avaliação diagnóstica, ou seja, tenta-se perceber o que o aluno já conhece a respeito do tema; 2- atividades de pesquisa e contato com produções sobre o tema; 3- atividades de reflexão, debate e produção própria; e 4- avaliação.

De posse dos conhecimentos necessários, partimos então para o planejamento dessa sequência didática, composta por sete a oito aulas, cujo tema denominou-se *Tribos Urbanas*, que justifica-se pela presença de diversas “tribos” na escola e os constantes conflitos por elas desencadeados, fazendo necessário então um



trabalho voltado para a discussão, reflexão e aprendizagem acerca das “tribos urbanas”.

Foram elencados como objetivos gerais a serem alcançados por meio dessa aprendizagem, os seguintes itens: levar o aluno a refletir sobre si (sua identidade) e as tribos presentes na escola; fazer com que o aluno perceba se faz ou não parte de alguma tribo; proporcionar ao aluno o conhecimento teórico sobre “tribos urbanas”; levar o aluno a refletir sobre os conflitos gerados pelas tribos; propor ações que possam erradicar, ou minimizar, tais conflitos no ambiente escolar, fomentando uma cultura de paz e respeito à diversidade.

Uma das fases que compõem o processo de planejamento de aulas, sequências didáticas ou projetos, é a escolha do material, ou conteúdo, a ser exposto aos alunos. Esse momento deve ser cercado de cuidado e atenção, pois é preciso que esse material venha ao encontro do que realmente se quer propor.

Dentre vários materiais disponíveis pesquisados, encontramos dois vídeos (*Reflexo do Underground: a visão dos membros de tribos urbanas* e o *Programa “A liga” – Tribos urbanas – parte 1*) e uma música (*Tribos Urbanas, de Marcelo Quintanilha*), que se mostraram excelentes para as nossas necessidades.

Prever quais recursos serão necessários e quais as metodologias a serem aplicadas também faz parte do rol das atribuições docentes. Assim, para que esse projeto se efetive o professor precisará ter disponíveis lousa, giz, cópias da letra da música para cada aluno, computadores com acesso à internet, televisão e aparelho de DVD, mídia de DVD ou pen drive contendo os vídeos, aparelho de som, mídia de CD ou pen drive contendo a música, cartolinas, canetas hidrográficas ponta grossa, impressora, papel sulfite, microfones e amplificadores. É preciso ainda se certificar de que a escola dispõe de tais recursos antes de iniciar o trabalho, para que este não se perca ou tenha que ser alterado no decorrer de sua execução. Esse procedimento de

verificação dará ao professor a possibilidade de fazer adequações ao projeto inicial, caso a escola não possua todos os equipamentos necessários.

Como metodologia de trabalho, podemos destacar as seguintes ações: aulas expositivas; pesquisa na sala de informática; debates; trabalhos em grupo na sala de aula; assistir a vídeos; audição de música.

### 2.1.1 Aulas

***Aula 1-** Alunos reunidos em grupos com cinco participantes discutem e respondem a questão: “Na sua opinião, o que é tribo?” As respostas são compartilhadas em voz alta e toda a sala tenta chegar a uma resposta única, que será anotada pelo professor na lousa. Em seguida, discutem e respondem a questão: “Então, o que seria uma tribo urbana?” Novamente as respostas são compartilhadas.*

Espera-se que para a primeira pergunta os alunos cheguem a acepções semelhantes às do dicionário e que não fogem muito do senso comum, ou seja, relacionadas aos povos antigos ou nações indígenas. A partir dessa resposta, espera-se que a segunda pergunta cause um desconforto nos alunos, uma inquietação, posto que a palavra urbana, em sua acepção pura está relacionada à cidade, o que levaria os alunos a pensarem em tribos indígenas ou antigas andando pelas cidades, pensamento este que seria logo rejeitado por ser inverossímil.

Também podemos esperar que algum aluno conheça o termo, mesmo que minimamente, e relacione-o a sua real concepção. Em ambos os casos, as respostas dadas pelos alunos devem ser igualmente compartilhadas e escritas na lousa. É importante que o professor não determine nada como certo ou errado nesta primeira aula, para que os alunos possam construir o conhecimento acerca do tema proposto. As anotações feitas pelo professor na lousa devem ser copiadas pelos alunos.

**Aula 2-** *Na sala de informática, os alunos realizarão pesquisas na internet sobre tribos urbanas e farão anotações em seus cadernos.*

**Aula 3-** *Reunidos em grupos de cinco participantes, os alunos deverão responder novamente à questão “O que é tribo urbana?”, socializando com a sala. Respostas são colocadas na lousa. Professor realiza aula expositiva, falando sobre o assunto, dando oportunidade aos alunos de se manifestarem. As respostas então vão sendo aprimoradas, até que se chegue a uma boa redação, da qual o professor será o escriba, que deverá ser escrita na lousa e copiada pelos alunos em seus cadernos.*

**Aula 4-** *Individualmente, alunos respondem à questão: Eu pertencço a alguma tribo? Qual? Por quê? Quais as vantagens e as desvantagens de fazer parte de uma tribo? Audição da música “Tribos urbanas” de Marcelo Quintanilha. Alunos em grupo analisam a letra, tentando identificar as tribos mencionadas na música. Atenção especial à última estrofe, último verso. A música deve ser repetida no mínimo 3 vezes. Num debate aberto, alunos são convidados a falar de suas impressões sobre a música. No coletivo, vai-se identificando as possíveis tribos presentes na música. No final da aula, professor lança mais uma pergunta para a sala: “Vocês concordam com o último verso da música, que sem uma tribo você não é ninguém?”*

Espera-se que essa inquietação tome conta dos alunos e que eles reflitam acerca disso durante muito tempo, posto que o professor não dá oportunidade para que ninguém fale, devido ao término da aula.

**Aula 5-** *Na sala de vídeo, alunos assistem aos vídeos citados, fazendo anotações em seus cadernos.*

**Aula 6-** *Debate aberto sobre os vídeos, identificando possível existência de tribos no ambiente escolar. Professor deve direcionar a discussão para os seguintes temas abordados nos vídeos: influência dos pais, forte ligação com literatura e música, estereótipos criados, mundo do trabalho para aqueles que pertencem a alguma tribo, quebra de regras, necessidade de adrenalina, agressividade, conflitos entre tribos, busca da identidade. No final do debate, professor coloca mais um questionamento: “Se os integrantes de uma determinada tribo lutam pelo direito de serem diferentes, por que não gostam e não aceitam quem é diferente deles? Esse conflito está presente na escola?”*

**Aula 7 e 8-** *Em grupos, alunos preparam um trabalho para apresentação, podendo optar entre: texto dissertativo; cartazes informativos ou exposição oral. O trabalho deve conter: concepção de tribo urbana, classificação das diversas tribos, tribos presentes na escola e propor soluções para erradicar ou minimizar os conflitos na escola gerados pelas tribos.*

As produções devem ser disponibilizadas para toda a escola, em forma de apresentações orais em palco, anfiteatro ou até mesmo no pátio. Os cartazes devem



compor murais por toda a escola, assim como os textos dissertativos devem ser compartilhados, distribuídos a todos.

Dessa forma, a escola é capaz de produzir material científico de qualidade, transformando seus alunos em protagonistas de sua própria história, interferindo e transformando a realidade, própria e de outros.

### **2.1.2 Avaliação**

Nenhuma ação pedagógica está completa sem uma avaliação. Porém, entendemos avaliação não como um conjunto de questões a que o aluno deve responder satisfatoriamente a fim de obter uma “nota positiva” apenas para constar em seu boletim escolar, e sim, como um conjunto de observações e ações que levem o aluno ao aprendizado, à criticidade e à construção de uma nova postura diante do ensino. Desta feita, os alunos devem ser avaliados por sua participação e envolvimento no projeto.

## ***2.2 Aplicação e resultados***



Não podemos dizer que tudo tenha sido um mar de flores na aplicação que nos propusemos a fazer dessa sequência didática. Deparamo-nos com vários obstáculos, desafios e frustrações.

Logo de início já encontramos certa resistência dos professores regentes, que não se mostraram muito favoráveis a que, nós, meros estagiários, “tomássemos” conta de no mínimo sete de suas aulas para realização de projeto que alguns achavam que seria infrutífero.

Depois de muita conversa e alguns ajustes conseguimos a permissão para execução do projeto. Percebemos então, que também encontraríamos dificuldades em ter a mão todos os recursos de que necessitávamos. Os aparelhos de som da escola estavam sem condições de uso, assim como a copiadora encontrava-se quebrada. Porém, não nos abatemos e providenciamos o devido material.

Em nossa primeira aula, os alunos se mostraram desconfiados, pelo fato de estarmos ministrando a aula e pouco participaram, o que dificultou sobremaneira a composição de uma hipótese prévia de “tribos urbanas” sem a nossa participação.

Na aula seguinte, que aconteceu na sala de informática, muitos alunos se aproveitaram do momento para utilizar a ferramenta para outros fins que não a pesquisa sobre tribos urbanas, o que fez com que o material coletado fosse mínimo e prejudicasse a aula seguinte, em que, mais uma vez, tivemos que expor muito mais conceitos do que gostaríamos para que o conhecimento fosse realmente construído, e não simplesmente dito pelo professor.

A quarta aula foi a mais proveitosa, posto que os alunos se manifestaram favoravelmente à audição da música, gostaram de seu conteúdo e conseguiram estabelecer conexões com tudo o que já havíamos estudado. A previsão de que conseguiríamos sair da sala deixando no ar o questionamento final sobre o último verso da música foi frustrada. Muitos responderam de imediato e a discussão extrapolou os



limites do tempo. O que, ao mesmo tempo, nos frustrou mas também nos alegrou, pois pela primeira vez eles demonstraram real interesse sobre o tema.

Os vídeos também geraram bastante polêmica e foram bem recebidos pelos alunos, que conseguiram, com o apoio do visual, ir se identificando e identificando outros membros de outras tribos presentes na escola. A discussão foi muito proveitosa e enriquecedora. Todos foram unânimes em dizer que todos podem conviver juntos no mesmo espaço, bastando apenas que haja respeito.

A produção final não pode ser realizada, pois tivemos que reduzir o número de aulas para atuação. Porém, avaliamos de forma positiva a participação da maioria dos alunos, que se tornou bem mais efetiva após a inserção da música e dos vídeos, demonstrando assim uma falta de interesse por especulações iniciais e conceituações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das tribos urbanas pode ser tema de diversas áreas do conhecimento humano, no entanto, uma área em especial apresenta um bom repertório teórico/científico para a análise social – a Sociologia.

Nesse sentido, a Sociologia, área do conhecimento oriunda dos processos de transformações sociais, econômicas e políticas dos séculos XVIII e XIX, torna-se uma disciplina imprescindível no currículo escolar atual. Por meio dela, pode-se perceber o quanto o tema tribos urbanas, apesar de complexo, é fonte riquíssima para entender a realidade do corpo discente das escolas, e, por conseguinte, fazer-nos rever os rumos da educação e do trabalho docente.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN nº 9394/96, a finalidade central do Ensino Médio é a construção da cidadania, tornando o ensino de Sociologia o mais privilegiado para sua efetivação, posto que

“permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. Assim, pela via do conhecimento sociológico sistematizado, o educando poderá construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno”. (PCN, 2000, p. 37).

É nesse sentido que concebemos e construímos este trabalho, que ora se apresenta como uma ferramenta de reflexão sobre a realidade das tribos urbanas presentes na escola e acerca das intervenções cabíveis por meio da disciplina de Sociologia.

Ainda nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Sociologia no Ensino Médio, encontramos o respaldo necessário para justificar o trabalho com a formação das identidades, tema subjacente ao das tribos urbanas, posto que, a entrada e sensação de pertencimento a uma determinada tribo urbana estão intimamente ligadas à formação e afirmação das identidades.

Sendo assim,

“a Antropologia também fornece elementos teórico-metodológicos para se pensar as sociedades complexas, a partir de noções como experiências culturais (que, em certa medida, moldam nossos “mapas” de orientação para a vida social), rede de relações, papéis sociais, que informam o processo de constituição das identidades sociais, num constante fluxo, na maioria das vezes etnocêntrico, de diferenciações, entre “nós” e os “outros”. (PCN, 2000, p. 40).



O processo de ensino-aprendizagem, principalmente na área das Ciências Sociais, deve estar ancorado em ideais que tenham como pedra fundamental a exigência do reconhecimento da importância de que se revestem as identidades culturais no meio escolar e fora dele.

Tanto professores quanto alunos devem tornar-se consciente de suas próprias identidades e das demais identidades presentes no grupo a que pertencem. Ou seja, é preciso que cada um reconheça o seu papel e assumam-se “como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar”, como nos orienta Paulo Freire (1996, p. 41).

É preciso, pois, que nós, enquanto professores e pesquisadores, abramos nossos olhos para vislumbrar o que se descortina a nossa frente dentro da sala de aula. Precisamos possuir o arcabouço teórico e a sensibilidade prática, a fim de reconhecer os sinais que cada aluno pode nos dar acerca de sua própria identidade.

Por meio de seu *habitus*, um aluno de determinada tribo deixa pistas não apenas sobre o segmento socioeconômico ao qual pertence, como também sobre sua história familiar e até mesmo pessoal. *Habitus* aqui entendido pela teoria formulada pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, em que determinadas estruturas sociais tendem a ser incorporadas pelos indivíduos, o que influencia seu modo de agir, sentir e pensar.

Nessa perspectiva, o professor de sociologia pode intervir em sala de aula a fim de se utilizar da própria realidade desse aluno para discutir os problemas sociais pelo viés das tribos urbanas.

Nesse tocante, não há melhor forma do professor se aproximar do aluno e dos problemas que afligem sua comunidade do que se mostrar receptivo a entender o universo da tribo ao qual tal discente pertence. Nesse processo, ambos ganham – de



um lado o professor, que absorve conhecimento do meio, e do aluno, e do outro – o aluno, que provavelmente sentir-se-á assistido e incluído no ambiente escolar.

Conflitos em sala de aula podem ser observados também pelo prisma do estudo das tribos urbanas e tendem a ser minimizados quando há um trabalho de conscientização e favorecimento da análise crítica acerca do tema.

De todo o exposto, podemos concluir que o ensino de Sociologia deve acontecer sempre com vistas a levar o aluno a construir uma mentalidade crítica, observadora e transformadora da realidade, capaz de olhar para si e para os outros sem o peso e o viés do preconceito.

## ANEXOS

### ***1. Letra da música TRIBOS URBANAS de Marcelo Quintanilha***

Se você não passeia de preto por cemitérios e catedrais  
Não poesia melancolia e cianureto  
Nem sente no esqueleto a brisa fria da paz

Se não desfila as grifes famosas em shoppings, e lugares 'in's'  
Se 'time is not money', nem tem uma mulher gostosa  
Pra jogar tempo fora em ares tupiniquins

Quem é você? Me explique a tribo que você é  
Quem é seu cacique? Quem é seu pajé?



Não vai fumar mais nosso cachimbo da paz

Se não tem a cabeça raspada e nem odeia negro e judeus  
Não considera sua raça nobre e purificada  
Como que mera imagem e semelhança de Deus

Se não transpira o pó das flanelas  
Nem foi Seattle que te inspirou  
Não usa nem bermuda nem cabelo até as canelas  
Nem quer que o mundo acabe num show de Rock 'n Rool

Quem é você? Me explique a tribo que você é  
Quem é seu cacique? Quem é seu pajé?  
Não vai fumar mais nosso cachimbo da paz

Se não é hippie, se não é punk  
Qual, é seu pique, você anda com quem?  
Não é yuppie, nem dança funk  
Então desculpe, você não é ninguém

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia e MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).



MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MICHAELIS. **Dicionário de Português on line**. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?ligua=portugues-portugues&palavra=tribo> > Acesso em 15 de nov. 2012

OLIVEIRA. Roberto Cardoso de. Identidade étnica, identificação e manipulação. **Sociedade e Cultura**. v. 6, n. 2, jul/dez 2003. P. 117-131.

**Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Parte IV. Brasília: Secretaria de Educação Básica. MEC, 2000. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf> > acesso em 31/05/2013.

PONTOPPIDAN. Carolinne. **Reflexo do underground**: a visão dos membros de tribos urbanas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T8EPdrtbqn8> > acesso em 23/04/2013.

Programa “A liga”. **Tribos urbanas**: parte 1. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=Wl2hv\\_2JOkA](https://www.youtube.com/watch?v=Wl2hv_2JOkA) > acesso em 23/04/2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.